



**LITERATURA E ÉPOCA BURGUESA: O PAI GORIOT DE
BALZAC**
**LITERATURE AND BOURGEOIS EPOCH: BALZAC'S FATHER
GORIOT**

KESSE DHONE VIANA CARDOSO

<https://orcid.org/0000-0003-4552-2155>

Mestrando em Ensino de História pela UFNT

Docente pela SEDUC/TO

kesse.dhone@mail.uft.edu.br

DAGMAR MANIERI

<http://orcid.org/0000-0001-5082-3599>

Doutor em Ciências Sociais pela UFSCar

Professor Adjunto pela UFNT

dagmarmanieri@mail.uft.edu.br

Resumo: Este artigo objetiva o estudo de *O pai Goriot*, de Honoré de Balzac através do conceito de reificação. Trata-se de uma perspectiva marxista de análise do romance com auxílio do pensamento de Karl Marx e György Lukács. A reificação nos indica que as relações sociais são mediadas por valores estranhos à humanidade do ser humano. Assim, há uma crítica ao capitalismo em sua forma econômica que engendra subjetividades estranhas à dimensão humana. Na literatura de Balzac há essa sensibilidade ante a transformação das personagens diante da força do mercado. Desta forma, sua literatura ensaia uma arte crítica aos valores da sociedade burguesa. Seus personagens comprovam a força do capital, bem como a existência precária de valores humanos que resistem à reificação da subjetividade humana.

Palavras-chave: Reificação; capitalismo; literatura; Honoré de Balzac; burguesia.

Abstract: This paper aims to study 'O pai Goriot' by Honoré de Balzac through the concept of reification. This is a Marxist perspective of analyzing the novel based on the thoughts of Karl Marx and György Lukács. The concept of reification indicates that social relations are mediated by values alien to the human essence. Thus, a criticism is presented against capitalism in its economic form that generates subjectivities alien to the human dimension. In Balzac's literature, there is this sensibility to the transformation of the characters prior to the force of the market. In this way, his literature essays a critical art to bourgeois values. His characters prove the strength of capital, as well as the existence of human values that resist the reification of human subjectivity.

Key-words: Reification; capitalism; literature; Honoré de Balzac; Bourgeoisie.

Introdução

Hoje, tornou-se um lugar-comum a ideia de que as representações (literárias, históricas, etc.) “são frutos de uma sociedade, pois o autor está inserido e é influenciado pelo contexto no qual escreve” (COSTA, 2019, p. 205). Aqui se indica a importância dos movimentos literários para se compreender o espaço social em um determinado momento histórico. O autor exhibe relatos de seu tempo, da sociedade e suas relações sociais específicas. Em resumo, o autor “está com os pés fincados no presente, mesmo projetando o enredo [de sua obra] no passado” (Idem).

Não é o objetivo desse artigo ressaltar as divergências (ou convergências) entre o campo histórico e o literário. Interessa-nos evidenciar a importância da literatura (como fonte de pesquisa) para o campo da história. Nesse sentido, investigar as obras literárias do romantismo (ou do realismo), por exemplo, é se deparar com o descontentamento da nobreza com a queda do Antigo Regime, com as insatisfações da classe trabalhadora ante as explorações infligidas durante a Revolução Industrial, bem como com a frustração dos grupos revolucionários franceses ante a derrota de 1848. Compreender as obras literárias é estar próximo, também, dos conflitos sociais dos quais elas são o resultado; é conhecer a história figurada na ordem da estética.

É nesse cenário que os escritos de Honoré de Balzac são valiosos para o historiador; eles iluminam as relações sociais da sociedade francesa no transcurso do século XIX. Investigar obras literárias - como *O pai Goriot*, por exemplo - é se deparar com os efeitos da era capitalista. Balzac, com a sua pena cintilante, sabe expor as fraturas de um mundo social: uma nobreza em declínio ou jovens em busca de ascensão social em um mundo de afirmação capitalista.

Com esse intuito, procura-se investigar como o literato francês aborda as novas relações sociais francesas do século XIX. Balzac aviva uma inédita configuração social que emerge no século XIX. Agora, o dinheiro adquire espaço com o avanço do poder da burguesia, realizando uma nova configuração nas relações sociais. Suas personagens são afetadas por esse modelo de valorização burguesa.

Nesse sentido, o presente artigo realiza a interpretação do romance balzaquiano *O Pai Goriot* sob a mediação do conceito de reificação. Utilizam-se os trabalhos de Karl Marx e György Lukács sobre o tema; esses últimos são autores que se dedicaram à compreensão das novas relações sociais na ascensão da burguesia. Por isso, a obra

balzaquiana (*O Pai Goriot*) se mostra de grande importância para a compreensão desta temática.

O artigo estuda, de forma particular, a trajetória do jovem Eugène de Rastignac em busca de ascensão social. O jovem nobre se encontra dividido entre a Paris das classes populares e a das classes superiores. Ao se vincular a esses “mundos” sociais, Rastignac se sensibiliza com o sofrimento do comerciante de massas Pai Goriot; porém, além de ser sensível aos sentimentos dessa “pobre alma”, o jovem transita nos grupos sociais aristocráticos com suas respectivas contradições. Rastignac, ao perceber as relações sociais de sua época (ancoradas pelo “espírito” do capitalismo), se desilude; ele se torna consciente do processo em que está inserido.

Para a efetiva realização de tal empreendimento, procura-se investigar a obra balzaquiana através do conceito de reificação (*Versachlichung*). Karl Marx, em *A contribuição à crítica da economia política*, argumenta que “o modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual de modo geral” (MARX, 2011, p. 5). Nesse sentido é possível constatar que a obra balzaquiana *O Pai Goriot* figura uma sensibilidade em relação a essas transformações impelidas pelo avanço da burguesia como classe social hegemônica.

A teoria da reificação

Quando o jovem Marx comenta sobre o trabalho estranho nos *Manuscritos econômicos filosóficos* já temos um bom exemplo da crítica radical ao capitalismo. Marx apreende a gênese do capitalismo como “a separação de trabalho, capital e propriedade da terra, de troca e concorrência, de valor e desvalorização do homem, (...)” (MARX, 2017, p. 18). Esse modelo socialmente produtivo que separa trabalho e capital gera o que se denomina de *Entfremdung* (estranhamento).

Aqui, Marx nos apresenta uma visão de conjunto (que não deixa de ser “existencial”) da vida humana. Nesta forma de vivência, o trabalho é deslocado de sua função natural de gerar uma vida humana melhorada. Ele utiliza o pressuposto do homem como ser comunal (*Gemeinwesen*). Na interpretação de György Márkus:

Esta caracterização do homem como um ser social contém dois momentos intimamente interligados. Significa, por um lado, que o indivíduo não pode se tornar um ser verdadeiramente humano e não pode viver uma vida humana, a menos que ele mantenha contato e estabeleça relações com outros homens (MÁRKUS, 2015, p.51/52).

Isto explica a indignação do jovem revolucionário ante o modo produtivo do capitalismo. Ao deslocar o trabalho de sua função socialmente comunitária, ocorre o estranhamento e uma forma específica de reação subjetiva: a alienação (*Entäusserung*). São condições objetivas do próprio sistema capitalista que geram a alienação. Se o valor do produto provém de trabalho, no capitalismo há uma estranha inversão da valorização; ou seja, o trabalho conduz a um empobrecimento da vida humana:

A exteriorização (*Entäusserung*) do trabalho em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna objeto, uma existência externa (*äussern*), mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe fora dele (*äusser ihm*), independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência (*Macht*) autônoma diante dele, que a vida que ele concebeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha (MARX, 2017, p. 81).

Eis que nos *Manuscritos econômico-filosóficos* há a sombra de Hegel e Feuerbach: o ser humano produz um mundo objetivo, mas não se reconhece como seu produtor. Isto explica a afirmação de Charles Taylor ao enfatizar que “Hegel foi um dos primeiros a desenvolver a teoria da alienação” (2014, p. 416).

Para além da fenomenologia de Hegel e da antropologia (filosófica) de Feuerbach, em Marx a alienação adquire contornos sociológicos. É no próprio processo de produção que se encontra os fundamentos da alienação; no exemplo do capitalismo - como uma forma específica de produção - “o trabalhador se torna, portanto, um servo do objeto” (MARX, 2017, p. 81).

Quando Marx indica o tipo social “trabalhador”, há um problema de ordem filosófica, além das categorias da sociologia. A crítica realizada sobre a antropologia de Feuerbach implicava na generalização excessiva do ser humano. Em Marx, o homem é determinado pelo meio social. Assim, se o trabalhador está em um ambiente de estranhamento (as relações de produção), então “ele não se [estranha] a si mesmo?” (Ibid., p. 82). Interrogação importante para nosso estudo; ela indica que há algo obscuro na própria formação subjetiva do trabalhador. Isto explica o conceito de “trabalho externo”: “o trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer as necessidades fora dele” (Ibid., p. 83). Dessa forma, ao invés do trabalho representar a “atividade livre” da “vida genérica” do homem, ele estranha o homem em relação a si mesmo. Aqui, aborda-se o indivíduo; contudo, esse fenômeno do estranhamento atinge as relações sociais imediatas do trabalhador:

Em geral, a questão de que o homem está estranhado do seu ser genérico quer dizer que um homem está estranho do outro, assim como cada um deles [está

estranhado] da essência humana. O estranhamento do homem, em geral toda a relação na qual o homem está diante de si mesmo, é primeiramente efetivado, se expressa, na relação em que o homem está para com outro homem (Ibid., p. 86).

Observar que já nos *Manuscritos econômico-filosóficos* se engendra a teoria da reificação. Ela assinala que no próprio processo de socialização do ser humano sob o capitalismo há a perda da humanização. Trabalho morto, propriedade privada e capital impedem a “realização ou a efetividade do homem”. Isto conduz ao fato de que as várias formas de estranhamento (inclusive a religião) se manifestam na consciência, “mas o estranhamento econômico é o da vida efetiva – sua supressão abrange, por isso, ambos os lados” (Ibid., p. 106). A saída do estado de estranhamento está na própria transformação das condições objetivas da vida produtiva.

Assim, pode-se interrogar sobre a condição do sujeito no modelo capitalista. No Marx da *Contribuição à crítica da economia política*, a reificação surge como um fenômeno engendrado pelo próprio movimento do capital. O capitalismo provoca a inversão de valores entre as esferas de produção e da circulação. A moeda que na fase pré-capitalista serve como meio de troca, no capitalismo assume a forma de dinheiro. O que Marx denomina de “riqueza burguesa” indica uma “materialização do trabalho abstrato geral” na forma de dinheiro. A inversão de valores significa que no capitalismo se prioriza o “valor de troca” (MARX, 2011, p. 164). Então, para além da esfera da produção e da circulação, a produção econômica (no capitalismo) objetiva a acumulação de riqueza:

Em todos os estágios do processo de produção burguesa em que a riqueza toma a forma elementar da mercadoria, o valor de troca toma a forma elementar de moeda e, em todas as fases do processo de produção, a riqueza reproduz-se sempre, por um momento, na forma elementar geral da mercadoria (Ibid., p. 164, 165).

A mercadoria manifesta a “forma elementar” de riqueza. Com isso, Marx quer nos mostrar que no capitalismo o “valor de troca [torna-se] autônomo (...)” (Ibid., p. 356). Aqui, já estamos próximos da definição de capital. Se no capitalismo o “enriquecimento é (...) um fim em si mesmo”, isto significa que o dinheiro se tornou autônomo. Mas o que significa dizer que o dinheiro transmuta-se em algo autônomo e a mercadoria como forma elementar?

O dinheiro e a mercadoria tomados em si, assim como a circulação simples, só existem agora para o capital enquanto fases particulares, abstratas, da sua

existência, nas quais ele se manifesta sem cessar, para passar de uma à outra e desaparecer com a mesma constância (Ibid., p. 357).

O capital coloniza o “dinheiro” e a “mercadoria” em função da acumulação. Por isso o primeiro é definido como o verdadeiro agente da produção. Isto afeta a produção social ao desvirtuar a própria vocação do ser humano: o trabalho propicia mais vida, a duplicação do homem nas coisas. Com o capitalismo, a própria interação social é afetada pela presença do capital e suas manifestações. Eis a reificação na *Contribuição à economia política*: no capitalismo, as “relações dos indivíduos entre si apresentam-se como relações sociais das coisas” (Ibid., p. 290). O Marx das análises econômicas não abandona a análise do ser humano em sua dimensão social. Neste nível, os indivíduos se encaram como “sujeitos de equivalência”. Aqui, os sentimentos humanos estão adormecidos, porque eles são “imediatamente indiferentes um em relação ao outro. (...) eles são reciprocamente necessidade um para o outro” (Ibid., p. 324).

O capitalismo apresenta suas ilusões; uma delas é o fetichismo. O que o trabalho social produziu, agora está “fora do ser humano, confrontando e como um poder estranho” (MÉSZÁROS, 2016, p. 132). Por isso a reificação é uma forma de nos fazer crer na fetichização das coisas produzidas pelo homem.

O romance na era do capitalismo: a visão de Lukács

György Lukács argumenta em *O romance como epopeia burguesa* que o romance literário “é o gênero mais típico da sociedade burguesa” (LUKÁCS, 2011, p. 193). Constata que esse gênero, mesmo sendo um produto da época burguesa, é nele que “(...) todas as contradições específicas desta sociedade são figuradas de modo mais adequado”. Aqui, Lukács reaviva a riqueza dessas obras para o entendimento do mundo burguês.

Ao se considerar a argumentação do marxista húngaro, pode-se indagar: até que ponto o romance estabelece uma convergência com a sociedade burguesa, seus valores e contradições? Como a narrativa literária figura as contradições essenciais deste período histórico? Há a presença da reificação nas personagens desses romances? Lukács responde que Honoré de Balzac é um dos principais romancistas a fornecer, com certa nitidez, os elementos primordiais para a compreensão do mundo burguês. A trajetória literária do romancista francês é o ponto áureo das observações psicológicas e políticas no espaço social francês do século XIX. Em uma série de obras como *Eugénie Grandet* (1833), *Le Père Goriot* (1835), *Le lys dans la vallée* (1835), *Illusions perdues* (1837),

Splendeurs et misères des courtisanes (1838) o literato ilustra as contradições fundamentais que emergem na França do século XIX.

Com o surgimento da moderna sociedade burguesa, vislumbra-se a ascensão de uma lógica de mercado que afeta as relações sociais em um sentido geral. O dinheiro passa a representar não só o poder aquisitivo dos agentes sociais, mas uma forma de poder social. O conceito (no marxismo) que explica a incorporação de elementos objetivos na formação subjetiva do ser humano é a reificação (*Versachlichung*). Eis um dos grandes méritos dos estudos de Lukács, ou seja, evidenciar um conceito tão importante para o pensamento marxista. Em *História e consciência de classe* ele delineia o que é o processo de reificação (*Versachlichung*) na sociedade capitalista:

A essência da estrutura da mercadoria já foi ressaltada várias vezes. Ela se baseia no fato de uma relação entre pessoas tomar o caráter de uma coisa e, dessa maneira, o de uma “objetividade fantasmagórica” que, em sua própria legalidade, rigorosa, aparentemente racional e inteiramente fechada, oculta todo traço de sua essência fundamental: a relação entre os homens (LUKÁCS, 2003, p. 195).

Nesse contexto de predominância dos valores de mercado, o romance é estudado em sua relação com as forças sociais (em nosso caso, a França). Para Lukács, o romance na era moderna “se tornou a forma de expressão da sociedade burguesa” (LUKÁCS, 2011, p. 193). Aqui, a grande questão é a posição estética do romancista ante a sociedade. Se nesta fase se presencia a afirmação de “valores da burguesa”, como se comporta a produção literária diante deste novo mundo? O romance na era do capitalismo não revive mais a antiga epopeia que exaltava a ação (exemplar) do herói. Ao expressar a “realidade prosaica”, o romance na modernidade se depara com a impossibilidade de encontrar um herói positivo. Lukács vê duas saídas (insuficientes, em sua visão) diante do dilema da “degradação” do homem sob o capitalismo: primeiro, o retorno ao passado (o romantismo); segundo, ao procurar atenuar (em sua forma representativa) as contradições (reais) da sociedade. É diante dessas insuficiências que o marxista húngaro visualiza o valor estético de Balzac. O realismo deste último, assim se configura: “Balzac, em sua obra, desenvolve até o fundo as contradições mais profundas da sociedade burguesa e figura a interpenetração dinâmica destas contradições como forças motoras desta sociedade” (Ibid., p. 204).

Ao rejeitar o romantismo e, também, a “utopia” (nas palavras de Lukács), Balzac deve ser elogiado. Ele não se silenciou diante das contradições existentes da sociedade francesa de inícios do século XIX. Aqui, Balzac é interpretado de forma positiva por ter

inserido em seu romance o princípio marxista da luta de classes. Além deste princípio, Lukács assinala outro princípio da teoria marxista: a práxis. É este princípio que motiva a crítica de Marx à antropologia de Feuerbach: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de forma diversa, o que importa é mudá-lo” (Apud LABICA, 1990, p. 35). Marx se vê como um “materialista prático”; isto quer dizer que se rejeita a forma de conceber o mundo (como a teologia ou a filosofia especulativa) na qual prepondera a “abstração”. É assim que o marxismo funda uma nova concepção do ser humano. Para se rejeitar a abstração, deve-se conceber o ser humano como “homens reais – sociais, históricos – e sua prática”, na interpretação de Labica (1990, p. 117).

É este princípio de ação (práxis) que deve expressar a autêntica consciência dos personagens. O personagem (típico) deve mostrar a ação humana em “conexão com o ser social”. Se isto ocorrer, o romance adquire valor estético, pois figura “o elemento típico do seu ser social” (LUKÁCS, 2011, p. 205). Observar que Lukács comenta sobre a forma de “[se expressar] ativamente” esta “essência do homem”: o ser humano ao enfrentar seus dilemas não deve só se comportar como um indivíduo. Por isso, na literatura a tipicidade dos homens corresponde a seus destinos. Sobre este tema, observar a citação de Marx, empreendida por Labica: “E do mesmo modo que tudo aquilo que é natural deve nascer, do mesmo modo o homem também tem sua certidão de nascimento, a história (...). A história é a verdadeira história natural do homem” (Apud LABICA, 1990, p. 116). Por isso o modelo épico (na era do capitalismo), para ser significativo, deve figurar os confrontos de classes de forma “concreta, clara, típica”. A literatura necessita ir além da “vida burguesa cotidiana” que obscurece (através dos efeitos da reificação) a clareza das forças sociais fundamentais. Nesse sentido, a função do artista é promover a visibilidade das forças sociais por trás de seus personagens. Eis a força estética de Balzac:

Nas figuras de Goriot e Vautrin (bem como nas da Marquesa de Beauséant e de Rastignac), encarna-se efetivamente um certo *páthos*: cada uma destas figuras é elevada a um nível de paixão tão alto que nelas se manifesta o conflito interno de um momento essencial da sociedade burguesa; e, ao mesmo tempo, cada uma delas se encontra num estado de revolta subjetivamente justificada, mesmo se nem sempre consciente, representando assim em suas próprias pessoas um momento singular da contradição social (LUKÁCS, 2011, p. 210).

O personagem é típico porque em seu caráter – assim como em seu destino de vida - manifestam as “características objetivas, historicamente típicas de sua classe; (...)”

(Ibid., p. 211). Neste sentido, o percurso do drama individual se depara com as questões fundamentais da sociedade burguesa.

O Pai Goriot: Balzac e o mundo das mercadorias

Analisar a produção literária de Honoré de Balzac não é tarefa fácil. A dificuldade ronda seus intérpretes de um modo geral. Isto porque, nas obras do literato de Tours há uma gama de riquezas do mundo social. É intenção de Balzac realizar um quadro social em torno de seu tema; literatura realista que não deixa de conter uma visão sociológica.

Em *O pai Goriot*, obra publicada em 1835, Balzac ilustra algumas características da sociedade francesa do início do século XIX: o escritor esboça um “mundo” cujas relações de interesse (econômicas, em sua maioria) se sobressaem no conjunto das relações sociais. Indignado com essas relações, uma das personagens principais da trama balzaquiana, Eugène de Rastignac, afirma que “Paris é um lamaçal”. Dentre as diversas personagens da obra é possível delinear traços de uma diversidade de personalidades voltadas, exclusivamente, para um ponto em comum: o dinheiro como aspecto visível do poder econômico da sociedade capitalista (CORDEIRO, 2010, p. 91).

Balzac realiza em *O pai Goriot* uma aproximação entre as instâncias econômica, social e política; isto ocorre para ilustrar como o capitalismo transforma o mundo subjetivo dos sujeitos (o que se denomina de reificação). O escritor descreve traços de personalidade e várias formas da experiência sensível. Logo no início da obra, ele apresenta o ambiente no qual a trama se desenvolve: a pensão da Sra. Vauquer. Balzac indica como a percepção da proprietária passa por uma metamorfose ao descobrir que um de seus hóspedes, o Sr. Goriot, possui reduzidos recursos financeiro. De início, Madame Vauquer concebe que o “velho macarroneiro” dispunha de “uma renda de cerca de oito a dez mil francos” (BALZAC, 2015, p. 30). Esse detalhe faz com que a pensionista cogite até em se casar com o humilde Goriot. O narrador descreve os anseios da pensionista:

Embora um pouco rústico, ele andava tão frajola, pegava seu tabaco magnificamente, o aspirava como um homem tão seguro de ter sempre a sua tabaqueira cheia de macouba, que no dia em que o Sr. Goriot se instalou em sua pensão a Sr. Vauquer deitou-se à noite assando, como uma perdiz em volta na tira do toucinho, ao fogo do desejo que a agarrou de abandonar o sudário de Vauquer para renascer como Goriot (Ibid., p. 31).

Aqui, Madame Vauquer devaneia sobre a figura do velho comerciante de massas, inclusive com um tom de conotação sexual. Sua imaginação vai além; a viúva, inclusive, cria a expectativa de constituir um futuro amoroso ao lado do humilde homem: “Casar-

se, vender sua pensão, dar o braço aquela fina flor de burguesia, torna-se dama de prestígio no bairro, pedir recurso aos indigentes (...)” (Ibid., p. 31). Eis os anseios da personagem, enraizados na lógica capitalista: seu hóspede é concebido como um meio para sua realização financeira.

Em outra passagem, a condessa de L`Ambermesnil - uma golpista que se instala na pensão Vauquer e se torna amiga da sua senhoria - faz alguns comentários sobre o comerciante de massas: “– Ah! Minha querida senhora, um homem saudável como meus olhos – dizia a viúva. – Um homem perfeitamente conservado, e que ainda pode dar muito prazer a uma mulher” (Ibid., p. 32). Inicialmente essa é a percepção que Madame Vauquer e sua amiga (a condessa de L`Ambermesnil) adotam ante o Sr. Goriot.

No decorrer da narrativa as duas personagens terminam por compreender que Goriot não é bem o que elas presumem; a partir desse ponto, a percepção das duas personagens começa a passar por transformações. Depois de uma investida realizada pela condessa (em favor de sua senhoria) a percepção adquire uma nova forma: “- Meu anjo – disse à querida amiga -, você não tirará nada desse homem! Ele é ridiculamente desconfiado; é um sovina, uma besta, um tolo, que só lhe causara desgosto” (Ibid., p. 33).

Com a “frustração” que Goriot provoca em sua senhoria, ela passa a lhe tratar de forma ríspida, comparado àquele tratamento anterior. Sua primeira estratégia é punir o bom homem e lhe servir sempre um único jantar; porém, Goriot não se aflige. Nas palavras do narrador:

O Sr. Goriot era um homem frugal, em quem a parcimônia necessária às pessoas que fazem fortuna por si mesmo degenera em hábito. A sopa, o cozido, um prato de legumes tinham sido, deviam sempre ser seu jantar predileto. Portanto, foi bem difícil para a Sr. Vauquer atormentar seu pensionista, cujos gostos e nada em nada ela podia melindrar (Ibid., p. 35).

Balzac esclarece, nesta passagem da obra, a consciência (ou seja, suas representações) dos sujeitos em relação ao valor humano: “ser é ter”. Madame Vauquer possui traços dessa percepção capitalista em ascensão. Com a sociedade burguesa em formação e as práticas empreendidas por esta classe (em busca de hegemonia social), há uma transformação da sociedade francesa; agora, se subverte as heranças hereditárias de poder como ocorria no Antigo Regime. Em um horizonte de declínio aristocrático, o dinheiro é definidor de *status*, de poder social e influência política. Nesse novo regime, o que se vislumbra é o consolidar-se da lógica mercantil que afeta a qualidade das relações intersubjetivas. Madame Vauquer corporifica um tipo social proeminente neste contexto.

Ela é uma personagem típica que expressa a metamorfose entre dois momentos históricos distintos: o declínio do modelo aristocrático e a consolidação da sociedade burguesa.

São personagens impregnadas pelos valores de mercado; tanto Madame Vauquer, quanto a Condessa de Ambermesnil, são atingidas por valores heterônomos. Nesse cenário, o fator essencial “é justamente o ter enquanto critério do ser, mas o ter no sentido de posses materiais” (DANNER, 2008, p. 13). É esta forma de “ter” que Balzac denuncia. O escritor revela a transformação no regime sensitivo causado por esse modelo econômico no qual o consumismo “constrói ideologicamente nossa realidade, inibe e camufla os duros efeitos do mercado capitalista em nossas sociedades e mesmo para com o meio ambiente” (Ibid., p. 13).

Em contraposição às senhoras, Goriot representa outro modelo de sensibilidade: o comerciante de massas expressa um ser “puro” ao nível sentimental. Sua devoção e amor às filhas fazem com que transcenda a reificação. Goriot dispõe de toda a sua fortuna para levar conforto e, até realizar as extravagâncias das filhas. Porém, elas não se realizam segundo o modelo de felicidade que imaginam; culpam o pobre pai pela sua condição. O amor filial em Goriot não está impregnado de valores mercadológicos; ele não assume o caráter de “uma relação entre coisas”, na expressão de Lukács (2003, p. 194).

Goriot não suporta ver as filhas em situação de infelicidade; no final da trama, falece. Sobre a situação do pobre homem com relação às filhas, outra personagem, Viscondessa Beauséant, prima de Eugène de Rastignac, esclarece:

Pois é, sim, o pai delas, o pai, um pai – prosseguiu a viscondessa -, um bom pai que deu, pelo que dizem, a cada uma quinhentos ou seiscientos mil francos para fazer a felicidade delas, casando-as bem, e que só reservou para si mesmo oito a dez mil libras de renda, acreditando que as filhas continuariam a ser suas filhas, que ele criara na casa delas duas existências, duas casas nas quais seria adorado, mimado. Em dois anos, seus genros o baniram de seu convívio como o último dos miseráveis... (BALZAC, 2015, p. 86).

Goriot é rejeitado pelas filhas e pelos genros; isto ocorre devido a sua frágil condição e um baixo *status* social. O contexto histórico se entrelaça à vida do macarroneiro nesse instante. Aqui, a percepção de Lukács é assertiva: Balzac reconstitui a degradação do homem sob o capitalismo. Em outro momento da obra a Sra. de Langeais, amiga da viscondessa, comenta:

(...) na época do Império [período napoleônico], os dois genros não se escandalizaram muito por ter esse velho noventa e três¹ na casa deles; com

¹ Referência ao período revolucionário francês no qual os jacobinos se instalam no poder.

Bonaparte ainda era tolerável. Mas, quando os Bourbon retornaram, o homem incomodou o Sr. De Restaud, e mais ainda o banqueiro (Ibid., p. 87).

As transformações sociais na França no início do século XIX afetam a vida de Goriot. Balzac deixa claro como a instabilidade social interfere nos destinos dos personagens. As relações familiares não são exceção; como se constata na citação acima, os regimes políticos pelos quais transita a França, nesse contexto, causam uma alteração na visão que os genros possuem do sogro.

Em *O pai Goriot* esta instabilidade é atribuída à condição social dos personagens: a posse financeira torna-se um poder social nada desprezível. São abandonados os desejos, sonhos e ideais. O mundo que outrora se apresentava como belo e exuberante, agora se torna “um lamaçal”. Nesse instante, se percebe o elogio de Lukács à obra balzaquiana: o literato francês não se silencia ante as transformações políticas, econômicas e sociais.

Aqui o subtexto humanizador do jogo figurativo da obra balzaquiana pode ser vislumbrado. Em Balzac o “sujeito é levado a imitar o que é diferente de tudo aquilo que ele espera” (DANNER, 2008, p. 10); ou seja, há um processo oposto ao que ocorre na arte da indústria cultural (Ibid., p. 10). Enquanto nesta última há uma imitação do sujeito, “mostrando-lhe apenas o que ele percebe por si mesmo (que, na verdade, já está predeterminado), na sua vida cotidiana”, na arte moderna balzaquiana procura-se “relembrar o sujeito da sua dimensão natural” (Idem). A relação afetiva de Goriot perante as filhas não é mediada por interesses estranhos à humanização.

No modelo estético balzaquiano, o trabalho é compreendido como uma degradação sob o capitalismo. A vida burguesa concebida como um processo de obscurecimento das relações sociais sob a égide da reificação: “Ali um parisiense perdido só enxergaria pensões burguesas ou instituições, miséria ou tédio, velhice que morre, alegre juventude obrigada a trabalhar” (BALZAC, 2015, p. 14/15)

Aqui, o processo de reificação se apresenta na trama balzaquiana, já que as filhas veem no pai só um agente financeiro. Elas estão prontas a abandoná-lo (e de fato o fazem), caso os seus recursos se esgotem. O final de Goriot é trágico. Como argumenta Sergio Schaefer, quando o sofrimento é percebido pelo sujeito (admirador da arte) descortina-se a autêntica *mimesis*: o sujeito se identifica com o sofrimento expresso na obra e ela o faz sofrer (SCHAEFER, 2012, p. 39). A arte é uma forma de educação (sentimental) que se faz por intermédio do negativo. Porém, além da argumentação de Schaefer, percebe-se

que essas relações sociais reificadas provocam um dano ao sujeito. Balzac dá visibilidade a essas forças sociais que causam a ruína da humanidade no indivíduo.

Em Balzac, nos deparamos com uma literatura de contestação dessa lógica reificadora. Em dissonância com a arte consumista da indústria cultural, na literatura balzaquiana há a proposta de se figurar o subtexto do mundo social: interessa ao escritor francês iluminar o modo com as classes populares “se reproduziam socialmente; como eram suas casas, o que cultivavam e o que comiam, como se vestiam, quais eram suas distrações e crenças, seus preconceitos” (CORDEIRO, 2010, p. 28). Eis o estilo do realismo na arte balzaquiana: o entendimento de traços indefinidos e submersos da sociedade francesa. Aqui, a literatura estabelece uma diferenciação ante a concepção de história de sua época; segundo sua investigação, esses historiadores “ao darem maior ênfase aos fatos, (...) aos fogos de artifício, eles percebiam apenas o que estava na superfície” (Ibid., p. 28).

No estudo dos tipos literários na obra balzaquiana, vamos interpretar outra figura de destaque da trama, Eugène de Rastignac. O personagem é um jovem que procura fazer fortuna e se instala em Paris com o objetivo de realizar estudos jurídicos com auxílio financeiro de seus familiares. O jovem nobre conhece bem sua linhagem e, por isso, procura auxílio junto a sua aparentada, a Viscondessa Beauséant. Esta lhe oferece a nomeação social; isto lhe permitirá vantagens para se inserir no mundo aristocrático. Porém, mais que um jovem nobre, Rastignac é sensível aos conflitos sociais: ele observa com atenção as ocorrências do mundo social.

No transcorrer de seu percurso, ou melhor, de sua “educação sentimental”, a personagem se depara com duas faces da sociedade parisiense: a Paris dos pobres e a dos aristocratas. Em um primeiro momento, a desilusão de Rastignac ocorre quando descobre o verdadeiro passado de Jean-Joachim Goriot. O jovem imaginava que o comerciante de massas fosse amante da Baronesa de Nucingen e da Condessa de Restaud; também, que ele não passava de um financiador dessas mulheres em troca de prazer: “– Mas – disse Eugène com ar de nojo -, então a Paris dos senhores é um lamaçal” (BALZAC, 2015, p. 58). Porém, ele descobre, em suas investidas pela sociedade aristocrática que elas eram suas filhas. Enfim, elas ocultavam a paternidade, só dispondo do pai em momentos de apuro financeiro.

Quando Rastignac se defronta com tamanho sofrimento ao ver o pobre homem torcendo seu vermeil para auxiliar a filha a saudar uma dívida, o rapaz se comove e toma

as dores do humilde senhor, impedindo que os demais hóspedes da pensão o zombem: “- O pai Goriot é sublime!” (Ibid., p. 88), afirma ao descobrir a boa natureza daquela figura. É através do comerciante de massas que o jovem tem contato com a face pobre de Paris.

Com a influência de sua prima viscondessa, o jovem se aproxima da Baronesa de Nucingen, convertendo-se em seu amante. É através de sua prima e das filhas de Goriot que o personagem entra em contato com a face aristocrática de Paris. Nesse sentido, Rastignac é um jovem dividido entre dois mundos.

Realizadas essas observações, averigua-se dois episódios que envolvem a personagem e demonstram a forma artística que Balzac utiliza para realçar as contradições da sociedade francesa. O primeiro momento é quando Vautrin, um foragido da justiça, intenta sua sedução: o homem deseja que Rastignac conquiste a Sra. Taillefer (outra pensionista) para acessar a fortuna de seu pai, tramando para assassinar seu irmão, ficando a jovem como única herdeira (Ibid., p. 121). Rastignac se desespera e se sente tentado com a presença daquele homem que pouco conhecia.

Mas quem é essa personagem que instiga um jovem virtuoso a ponto de fazê-lo duvidar de seus princípios? Vautrin é um sujeito singular que procura mostrar a Rastignac “as verdadeiras engrenagens” da máquina social. Ele, assim, comenta com o jovem:

O homem de luvas e palavras amarelas cometeu assassinatos em que não se derrama sangue, mas em que se dá o sangue; o assassinato abriu uma porta com um pé de cabra: duas coisas tenebrosas! Entre o que lhe proponho e o que você fará um dia, a única diferença é o sangue a menos. Acredita em algo fixo nesse mundo? Portanto, despreze os homens, e veja as malhas por onde se pode passar na rede do Código. O segredo das grandes fortunas sem causa aparente é um crime esquecido, porque foi cometido com limpeza (Ibid., p. 123).

A citação é reveladora; nela, o foragido ilustra a verdadeira face das relações sociais na lógica capitalista. O personagem tenta justificar que a fortuna pode ter mais valor que a vida humana. Logo adiante, temos um exemplo da forma como o personagem se aproxima do conceito de reificação. Isto ocorre quando enfatiza que o segredo das grandes fortunas é um crime cometido com limpeza. Ou seja, em sua lógica, Vautrin assegura que essa perspectiva maquiavélica é justificável. Quando o crime é executado com “limpeza”, não há com o que se preocupar já que resulta em benefícios. A vida humana, na percepção da personagem, se converte em valor de troca: torna-se uma mercadoria.

Vautrin é um anônimo; no início da trama é figurado dessa forma, pois sua verdadeira identidade só será revelada no término da obra. Ele tem a sua personalidade

avivada quando elucida que os sujeitos - que Rastignac admira e presume serem “civilizados” - partilham, assim como ele, de interesses financeiros acima da dimensão humanitária. Porém, são capazes de executar tudo que for possível para alcançar tais interesses. Voutrin revela uma nova configuração social ao jovem Rastignac: sua imagem (ideal) do mundo social é desconstruída por esta personagem. Aqui, a voz de um anônimo revela a face oculta da nova configuração societária burguesa: o poderio do dinheiro e os efeitos da reificação em seu estado mais radical.

Em uma das últimas cenas de *O pai Goriot*, o personagem principal termina por receber sua educação sentimental. Na falta de recursos econômicos - nem mesmo para pagar o coveiro de Goriot - Rastignac sente-se humilhado. O romance realiza este choque do personagem com a realidade capitalista mortificadora. O antagonismo desse contexto faz com que as filhas (envoltas em tanta riqueza e proibidas pelos esposos) não acompanhem o velório do pai. Essa configuração societária tem sua idealização lançada por terra para o jovem. O narrador descreve as cenas finais da obra, focalizando o sentimento de desilusão em Rastignac:

Ao ficar sozinho, Rastignac deu uns passos até o alto de cemitério e viu a Paris tortuosamente deitada ao longo das duas margens do Sena, onde as luzes começavam a brilhar. Seus olhos se prenderam quase avidamente entre a coluna da Place Vendôme e a cúpula dos Invalides, ali onde vivia aquela bela sociedade em que ele quisera penetrar. Lançou sobre essa colmeia zunindo um olhar que parecia de antemão extrair-lhe o mel, e disse estas palavras grandiosas:

- Agora, somos nós dois!

E como primeiro ato do desafio que lançou a Sociedade, Rastignac foi jantar na casa as Sra. de Nucingen (Ibid., p. 289).

O sofrimento expresso pelo personagem manifesta desilusão. Eugène incorpora a juventude de seu tempo, desiludida com o mundo social e com as agitações revolucionárias. De forma diversa a outros personagens que marcaram a geração da literatura francesa, Rastignac (figurado em outras obras da *Comédia humana*) consegue realizar seu sonho de ascensão social. Porém, a mensagem de *O pai Goriot* expressa o sofrimento de uma geração que se encantou com Napoleão Bonaparte: eles carregam o difícil fardo de ver seus ideais dissipados.

Na reflexão final de *O pai Goriot*, Lukács pode nos auxiliar; em seu entendimento o capitalismo tem por principal objetivo “substituir por relações racionalmente reificadas as relações originais em que eram mais transparentes as relações humanas” (LUKÁCS, 2003, p. 207). Nas obras balzaquianas esta característica é constatada. Os anseios da

juventude, a pujança do dinheiro, o imaginário social em confronto com a realidade econômica, o contexto político mais imediato e o espaço social de conflitos são reavivados; aqui, a obra adquire valor ao expor, de forma consequente ou “positiva”, relações que possuem uma “objetividade fantasmagórica”, nas palavras do próprio Lukács.

Considerações finais

Para os marxistas após a derrota operária das Jornadas de Junho de 1848 (na França), despontou um novo horizonte nas relações de classe. Na Revolução de Fevereiro (1848), os trabalhadores lutaram ao lado da burguesia; daí nasceu uma república com algumas “concessões socialistas”. Aqui, acompanhamos Marx em sua interpretação deste período; ele comenta sobre as “ilusões sociais da Revolução de Fevereiro” (MARX, 2012, p. 60). No fundo, este modelo político nada mais significava que uma “república burguesa”.

Desta forma, o período que antecede às Jornadas de Junho de 1848 escondia uma “verdade” sobre a luta de classes essencial. Junho de 1848 evidenciou, através da história, esta “verdade”. São ilusões que Marx desvenda em sua análise: “Os trabalhadores acreditavam (...); (...) os proletários confundiam (...)”, eis algumas de suas expressões. Na França deste período, a luta moderna contra o capital ainda não estava desenvolvida; tinha-se uma “luta contra os modos secundários de exploração pelo capital, (...)” (Ibid., p. 48). Isto explica o fato de o “proletariado parisiense ter procurado impor o seu interesse paralelamente ao interesse burguês, (...)” (Idem).

Na linguagem de Lênin, o proletariado confundia tática com estratégia. Mas foram as Jornadas de Junho de 1848 que destruiu essas ilusões. Não mais a palavra-mágica *fraternité* que encantava a todos e eliminava (de forma imaginária) as relações de classe. Com as Jornadas de Junho de 1848, “a burguesia foi obrigada a contestar as exigências do proletariado de armas nas mãos” (Ibid., p. 61). Pela primeira vez na história da França, o trabalho se confronta com o capital.

Essas reflexões de Marx são importantes para efeito de nossa análise de Balzac. Aqui, se está no paroxismo do realismo, já que “o romance moderno nasceu da luta ideológica da burguesia contra o feudalismo”, segundo Lukács. Mas após 1848 não há mais a “alegria energia” que contagiava a “nova sociedade em gestação”. Na perspectiva marxista (seguimos Lukács, nessas ideias), Balzac pertence à fase em que o romancista

se torna uma espécie de “historiador da vida privada”. Nesse momento, as grandes contradições sociais são refratadas pela “realidade cotidiana”. Os heróis de Balzac – Pai Goriot, Eugénie Grandet – são esmagados por forças sociais estranhas à essência humanizada do ser humano.

Ainda segundo Lukács, após 1848 a figura do romancista opta, cada vez mais, pelo “protesto subjetivo”: nesta fase, Gustave Flaubert é o modelo deste escritor. Temos nesta fase um tipo de modernidade literária inaugurada por Charles Baudelaire: o *dandy* observa na vida cotidiana tudo o que há de “vulgar, de terrestre e de imundo” (Apud LE GOFF, 2010, p. 195). É o ideal de beleza (como se encontra em *A educação sentimental*, de Flaubert) que se salva; um ideal eterno em meio à transitoriedade do mundo social.

Isto explica o valor de Balzac na acepção de Lukács. Diante da “reificação mortificante”, o escritor francês (Balzac) pratica uma forma de realismo sem cair no modelo poético ou na estilização simbólica. Rejeição da fuga poética (ou simbólica), muito menos o mascaramento das contradições sociais. Balzac é grande para Lukács porque expôs em seus romances “a baixeza e a hipocrisia” da sociedade capitalista (LUKÁCS, 2011, p. 227).

O escritor realista se afasta da apologética vulgar do ambiente burguês; daí porque em suas obras, reificação e sentimentos humanizados ainda convivem em flagrante contradição. Isto expressa a transgressão estética do escritor realista desta fase literária francesa. Como bem ressalta Slavoj Žižek, o capitalismo não deixa de ser “um tremendo poder corrosivo que destrói mundos, culturas e tradições de vida particulares, atravessando-as e sugando-as para dentro de seu vórtice” (ŽIZEK, 2013, p. 209). Diante desta presença da universalização do valor de troca, a literatura (aqui, pensamos em Balzac) não deixou de denunciar seus efeitos nos mais diversos detalhes da vida humana.

Referências

BALZAC, Honoré de. *Lá comédie humaine: scènes de la vie de province* – Vol. VIII, Tome IV. Paris: Project Gutenberg - Free eBooks, 2017.

BALZAC, Honoré de. *O pai Goriot*. Tradução de Rosa F. D’Aguiar. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

CORDEIRO, Sara R. Ramos. *O significado do dinheiro em Balzac*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2010.

COSTA, Lourenço Resende da. História e literatura: um diálogo interdisciplinar. *Revista Todas as Musas*. São Paulo, Ano 10, N. 02, Janeiro – Junho, 2019.

DANNER, Fernando. A Dimensão Estética em Theodor W. Adorno. *Thaumazein*: Revista eletrônica do curso de Filosofia da UFN (Universidade Franciscana). Vol. 2, n. 3, 2008.

FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. Tradução de José da S. Brandão. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

GRESPLAN, Jorge. *Marx e a crítica do modo de representação capitalista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

HONNETH, Axel. *Reificação: um estudo de teoria do reconhecimento*. Tradução de Rúrion Melo. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

LABICA, Georges. *As “Teses sobre Feuerbach” de Karl Marx*. Tradução de Arnaldo Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana F. Borges. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

LUKÁCS, Gyorg. *Arte e sociedade: escritos estéticos (1932-1967)*. 2ª Ed. Tradução de Carlos N. Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011.

_____. *História e consciência de classe*. 1º Ed. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MÁRKUS, György. *Marxismo e antropologia: o conceito de “essência humana” na filosofia de Marx*. São Paulo: Expressão Popular; EDIUNESC, 2015.

MARX, Karl. *As lutas de classes na França de 1848 a 1850*. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

_____. *Contribuição à crítica da economia política*. Tradução de Maria Helena B. Alves. São Paulo: wmf Martins Fontes, 2011.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

MÉSZÁROS, István. *A teoria da alienação em Marx*. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

SCHAEFER, Sergio. *A teoria estética em Adorno*. Tese de Doutorado em estudos de literatura – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 478 p. 2012.

TAYLOR, Charles. *Hegel: sistema, método e estrutura*. Tradução de Nélío Schneider. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

TERTULIAN, Nicolas. *Georg Lukács: etapas de seu pensamento estético*. Tradução de Renira L. de Moura Lima. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

ZIZEK, Slavoj. *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2013.

Artigo recebido em: novembro/2023

Artigo aceito em: março/2024